



Sessão Psicodrama Público no Centro Cultural São Paulo: Jornal Vivo

Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler¹

Ruriá Azzi²

RESUMO

Com um público de 30 pessoas, além da diretoria e equipe, a sessão iniciou-se ao som de "Mudança", de Flávio Leandro. Após o contrato de sigilo e orientações sobre o horário, o **Aquecimento Inespecífico** mapeou a sociometria do grupo. A maioria era composta por iniciantes, seguidos por assíduos e veteranos. Em um movimento de ressonância corporal, os veteranos expressaram o sentido do Psicodrama Público como um espaço de liberdade e "grito" social, enquanto os novos trouxeram a curiosidade. A diversidade geográfica marcou presença, com participantes de várias zonas de São Paulo e cidades como Sorocaba e Guarulhos. A grupalidade foi estreitada por critérios espontâneos, como o tipo de moradia (casa ou apartamento), traduzidos em expressões corporais de sentimentos cotidianos. No **Aquecimento Específico**, a diretora convocou todos ao papel de "jornalistas" em busca de uma manchete para o Jornal Vivo do CCSP. Através de movimentos que encarnavam atributos como intuição e corresponsabilidade, o grupo explorou jornais e revistas. Cinco subgrupos emergiram com as manchetes, sendo o 1º grupo e o 5º grupo com temáticas semelhantes: (1) A temática foi a questão da conexão virtual nos relacionamentos; (2) A arte é o melhor caminho para sair da violência e melhorar a saúde física e mental; (3) Drama alimentar vira caso de polícia; (4) Neurocientista questiona se existe Verdade. Qual a verdadeira verdade? (5) A Vida importa: é melhor estar presente do que estar conectado. No papel de "editores", o grupo elegeu a manchete vencedora: **"A Vida importa: é melhor estar presente do que estar conectado"**. A **Dramatização** focou na dicotomia entre o virtual e o presencial. Cenas retrataram o distanciamento entre familiares e casais, expondo as "vantagens" ilusórias do isolamento digital. Em uma dinâmica de colunas paralelas e inversão de papéis, os participantes confrontaram as facilidades virtuais com as mazelas das relações reais. A diretora propôs uma escultura coletiva que revelou os personagens que aprisionam o ser no mundo digital: medo, ansiedade, vazio (fome) e onipotência. Em contrapartida, buscou-se o resgate da

¹ Doutora em Psicologia (USP). Psicodramatista Didata-Supervisora (DP-Sedes). Especialista em terapia familiar (UNIFESP). Instituição: DP-Sedes. E-mail: maripfwe@gmail.com.

² Psicólogo. Especialista em Saúde Mental. Psicodramatista. E-mail: ruriazzi@gmail.com



espontaneidade e da "vida como ela é". No **Compartilhar**, o grupo refletiu sobre a necessidade de autoconhecimento, o impacto das *Big Techs* incentivando o vício, a inexistência de uma verdade única e a arte como caminho de cura. Mesmo com o tempo avançado, a plateia permaneceu engajada, encerrando a vivência com a música "O que é, o que é", de Gonzaguinha. O trabalho denunciou o dano do distanciamento de si e do outro, reafirmando o Psicodrama Público no CCSP como uma **clínica social** essencial. Em um contexto global e nacional de incertezas e violência, a sessão deixou uma pergunta urgente sobre o futuro, culminando no grito coletivo: **A VIDA IMPORTA!**

Palavras-chave: Psicodrama Público. Clínica Social. Jornal Vivo. Socionomia. Espontaneidade.